

RESENHA

GEVA, Dorit. Globalizing Gender. In: BENZECRY, Claudio; KRAUSE, Monika; REED, Isaac Ariail. **Social Theory Now**. The University of Chicago Press, Londres, 2017. p. 75-104.

Natália Rodrigues Codeço Ribeiro¹

No terceiro capítulo de "Globalizing Gender", parte do livro "*Social Theory Now*" editado por Claudio E. Benzecry, Monika Krause e Isaac Ariail Reed, Dorit Geva examina diversas perspectivas teóricas sobre gênero e sexualidade na sociologia. Ela destaca a necessidade premente de considerar tanto a modernidade quanto a interseccionalidade para uma compreensão mais completa desses temas. O ponto central de sua argumentação é a urgência da teoria sociológica feminista integrar uma análise mais aprofundada da modernidade, visando evitar fragmentação, marginalização e alcançar avanços significativos. Geva critica a predominância da teoria sociológica feminista no norte global, defendendo que esta necessita de uma revisão profunda para incorporar as perspectivas do sul global. Nesse sentido, a autora aborda quatro questões fundamentais: a análise das teorias sociológicas de gênero e sexualidade na modernidade contextual; a distinção entre história, pseudo-história, epistemologia e metafísica; reflexões sobre a modernidade no sul e no norte global; e a exploração da metafísica subjacente à teoria feminista do norte.

A autora inicia a sua abordagem explicando como as teorias situam o gênero e a sexualidade dentro do contexto da modernidade e demonstra como as

¹ Advogada. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política (PPGSP) na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Pós-graduanda em Direito Municipal pela Escola Superior de Advocacia Nacional/ Universidade Candido Mendes. Pós-graduada em Direito Processual Civil e Direito Civil pelo Centro Universitário Fluminense (2023), Graduada em Direito pelo Centro Universitário Fluminense (2022). Foi Estagiária Forense no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, lotada na Promotoria de Justiça da Infância e da Juventude (matéria não infracional) de Campos dos Goytacazes. Foi Bolsista de Extensão do Programa Mais Ciências do município de Campos dos Goytacazes (2022-2023). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5345703711804428>

interações sociais moldam e reproduzem as noções de gênero. Destacando-se, especialmente, a contribuição significativa da abordagem etnometodológica, como exemplificado pelo trabalho de Candace West e Don Zimmerman, que revela como o gênero é estruturado e perpetuado em uma variedade de contextos.

Além disso, o texto aborda as críticas às visões pós-modernas do gênero e da sexualidade, argumentando que as ideologias heteronormativas ainda exercem influência nas interações cotidianas, mesmo em uma era pós-moderna. Evidenciando como as estruturas sociais da modernidade continuam a influenciar as experiências e percepções de gênero e sexualidade.

Outro ponto crucial é a análise da relação entre modernidade e a naturalização do sexo biológico, bem como o papel da ciência na definição de gênero, incluindo a transexualidade, ressalta como a modernidade não apenas molda as construções sociais de gênero e sexualidade, mas também as formas como essas construções são legitimadas e perpetuadas.

O texto também critica a tendência "presentista" da sociologia americana, que frequentemente se concentra exclusivamente nos Estados Unidos contemporâneos, negligenciando outras perspectivas históricas e contextuais.

Geva aborda as nuances do desenvolvimento do pensamento feminista na sociologia histórica e política, principalmente nos anos 1970 e 1980, e suas transformações ao longo do tempo, até o surgimento de teorias pós-modernas e pós-estruturalistas nos anos de 1990. Inicialmente, destaca que enquanto a sociologia histórica e política feminista mostra uma forte conexão com a história e a modernidade, apresenta uma teorização menos explícita sobre gênero e sexualidade. Originada do pensamento marxista feminista, essa vertente busca compreender a relação entre capitalismo, modernidade e o papel do Estado, especialmente no que se refere à divisão sexual do trabalho.

No entanto, à medida que avançou para as décadas seguintes, a insatisfação com as limitações do marxismo cresceu, especialmente em relação à explicação das desigualdades de gênero. Surgiu, então, uma crítica à concepção de patriarcado como algo simplista, sendo substituída por uma maior atenção ao Estado e à divisão sexual do trabalho como elementos centrais na reprodução das desigualdades de gênero.

Nos relembra, a autora que a sociologia histórica e política feminista, ao longo dos anos de 1990, se desenvolve paralelamente às teorias pós-modernas e

pós-estruturalistas, como as de Judith Butler, que enfatizam a performatividade do gênero. Enquanto algumas correntes feministas se voltaram para uma análise institucional e política, outras exploram teorias que questionam a universalidade da categoria "mulher", destacando as diferenças entre as mulheres e a possibilidade de subverter as categorias de gênero através da performance.

A autora, então, aborda a emergência da teoria da interseccionalidade nos anos 1990, destacando sua influência significativa na compreensão das interseções entre raça, classe e gênero, e na crítica ao feminismo branco ocidental. No entanto, ressalta que tanto a análise histórica e política feminista quanto a teoria da interseccionalidade têm suas limitações. Enquanto a primeira tende a focar demais no passado, negligenciando as origens epistemológicas das categorias de gênero e raça, a segunda não oferece uma análise satisfatória da constituição de gênero, sexualidade, raça e modernidade, e carece de reflexividade em relação ao seu próprio quadro modernista.

Ao que concerne a análise crítica da sociologia contemporânea, quanto a necessidade de desafiar narrativas eurocêntricas e incorporar perspectivas do sul global para uma compreensão mais abrangente das relações de gênero, sexualidade e modernidade, a autora destaca as críticas feitas às categorias eurocêntricas presentes na sociologia contemporânea, com ênfase no trabalho de Gurinder K. Bhambra. Bhambra ressalta que, apesar das críticas pós-coloniais, houve pouca transformação dentro da sociologia em termos de inclusão de perspectivas globais. A integração de focos adicionais sobre mulheres e pessoas LGBTQs++ nas narrativas sobre modernidade é reconhecida, mas Bhambra argumenta que as essências dessas narrativas permanecem inalteradas, especialmente em relação à divisão sexual do trabalho e outras distinções fundamentais.

Geva também destaca a necessidade de uma reavaliação das teorias sociológicas, especialmente do ponto de vista do sul global. Ela propõe examinar os regimes de gênero e sexualidade nessa região para contrastar com as concepções predominantes do norte global. E ressalta a intrínseca ligação entre as relações de gênero e o conceito de modernidade, destacando como os movimentos feministas do sul global questionam as construções ideológicas da modernidade.

Além disso, a autora questiona por que certos aspectos, como o trabalho doméstico, são frequentemente enquadrados apenas dentro da ótica da classe,

negligenciando sua dimensão de gênero. Isso leva a uma reflexão sobre as teses de modernização implícitas nas teorias feministas do norte global e a importância de uma maior consciência das histórias coloniais que moldam as análises desses teóricos.

A autora defende a importância de recuperar a história silenciada na teoria feminista social existente para entender melhor o lugar da modernidade na teoria sociológica feminista. Ela argumenta que entender a modernidade na teoria feminista pode ampliar sua ambição e objetivo, permitindo uma troca feminista norte-sul que ainda não foi concretizada dentro da teoria sociológica feminista baseada no norte.

Um dos caminhos sugeridos por Geva é recuperar a obra de Simone de Beauvoir, muitas vezes negligenciada pela teoria feminista sociológica atual. Ela propõe uma leitura crítica da obra de Beauvoir, especialmente "O Segundo Sexo", para identificar as suposições metafísicas subjacentes à teoria feminista do norte. A autora destaca a importância de reconhecer a história da teoria feminista do norte para entender suas questões fundamentais e compromissos políticos e tratá-la como a espinha dorsal da sociologia feminista.

Beauvoir questiona a relação entre o corpo e a liberdade, abordando a ambiguidade e a volatilidade da experiência corporal, especialmente para as mulheres. Sua obra oferece uma reflexão sobre o significado da materialidade volátil do corpo e sua relação com a liberdade. A autora destaca como Beauvoir constrói uma dialética entre o corpo como algo plástico e as ordens sociais que tentam solidificar esse corpo, um tema central ainda presente na teoria feminista do norte.

Além de Beauvoir, a autora também analisa o trabalho de Judith Butler, que desafia a visão de que o gênero é uma entidade fixa e propõe que é constituído por meio de práticas corporais. Butler critica a metafísica de substância que subjaz à teoria do gênero, defendendo uma abordagem que reconhece a plasticidade do corpo e sua relação com as ordens sociais.

A autora sugere que a teoria feminista sociológica do norte deve examinar sua própria história e suas categorias metafísicas subjacentes, além de considerar mais atentamente a história global das modernidades paralelas e interseccionais. Ela propõe uma autorreflexão histórica e uma atenção às histórias globais silenciadas pela teoria feminista do norte como caminhos para uma teoria mais abrangente e inclusiva.

Por tudo isso, ao abordar a necessidade de uma autorreflexão histórica e contextualização dentro da teoria feminista do norte, assim como a importância de uma análise mais ampla das modernidades interseccionais globalmente, Geva nos convida a escavar mais profundamente as raízes da teoria feminista e a reconhecer as narrativas silenciadas que moldaram seu desenvolvimento. Para a autora, integrar essas agendas não apenas enriqueceria nossas análises e perspectivas, mas também abriria espaço para vozes e experiências anteriormente negligenciadas, fortalecendo assim a base teórica e prática da sociologia feminista.

Sendo assim, neste capítulo, a autora nos convida a incorporar a perspectiva da teoria feminista do sul global, destacando principalmente a importância da abordagem da interseccionalidade. No entanto, quando a autora trata da espinha dorsal das teorias feministas sociológicas, deveria destacar não apenas as autoras do norte global, como Simone de Beauvoir e Judith Butler, mas também autoras do sul global. Embora reconheça a importância das perspectivas do sul global, ainda tende a destacar predominantemente as contribuições das autoras do norte. Propor uma espinha dorsal mais inclusiva que incorpore e cite teóricas do sul global não apenas enriqueceria as análises e perspectivas oferecidas, mas também contribuiria para a construção da base teórica e prática da sociologia feminista, com vistas a dar protagonismo aos novos feminismos e distanciar-se, ainda mais, de teorias que desconsideram a interseccionalidade e estão aliadas a mecanismos de dominação.

Por tudo isso, considerando o argumento apresentado por Geva, o texto nos leva a uma reflexão sobre a necessidade premente de incorporar uma análise mais profunda da modernidade nas teorias sociológicas de gênero e sexualidade. Ao destacar as lacunas e os efeitos problemáticos da falta de consideração adequada da modernidade, Geva nos instiga a repensar as abordagens existentes e a buscar uma compreensão mais abrangente e inclusiva desses temas. Além disso, o texto nos convida a reconhecer a importância das críticas pós-coloniais e pós-modernas, bem como a realizar uma autoanálise sustentada dentro da teoria sociológica feminista do norte global. Ao fazer isso, Geva sugere que podemos avançar para um programa de pesquisa mais ambicioso que aborda mais explicitamente a relação entre modernidade, gênero e sexualidade, abrindo espaço para vozes marginalizadas e contribuindo para uma teoria mais robusta e relevante.